

FILOSOFIA DE VIDA E MAÇONARIA CRÍTICA: Iniciação aos Estudos Maçônicos ou o Problema da Didática nas Sociabilidades Filosóficas.

Prof. Drd. Cídio Lopes de Almeida
Doutorando Ciências das Religiões
Faculdade Unida de Vitória
Bolsista FAPES

ALMEIDA, C.L. Filosofia de Vida e Maçonaria Crítica: Iniciação aos Estudos Maçônicos ou o Problema da Didática nas Sociabilidades Filosóficas. São Paulo: AMF3 Escola de Filosofia. 2023. Disponível em: <https://amf3.com.br/filsoofia-de-vida-e-maconaria-critica> . Acesso em (dd/mm/aaaa)

Apresentação

O objetivo deste ensaio é elaborar algumas ideias críticas sobre o tema da iniciação aos estudos maçônicos. O problema em questão é a sensação geral nos círculos maçônicos de que algo não vai bem nos processos que formam o maçom. Nossa hipótese sobre o problema é que não há uma abordagem profissional da educação maçônica, e na sua vertente espontânea, manifesta-se como liturgia/ritualística, sem o devido processo crítico, próprio do fazer nas Humanidades.

Palavras-chaves: maçonaria, educação, filosofia de vida.

Introdução

Crítica em filosofia e nas Humanidades não é falar mau de algo. Consiste em levantar perguntas, no geral hipotéticas, sobre questões ou temas sobre um dado fenômeno. O desafio aqui é exercitar esta ideia sobre um tema que implica a Maçonaria enquanto sociabilidade baseada em Filosofia de Vida. Este processo pode ser feito em várias etapas, sendo o ensaio uma primeira forma de aproximar do assunto, que é nossa ideia aqui.

Um desafio não só nos fenômenos religiosos, mas nas filosofias de vida, é a figura do defensor, do apologista. O crítico pode parecer um paradoxo para estes, pois numa leitura rápida estes defensores bloqueia a interação e se colocam em posição defensiva. A crítica é vista como um desserviço. Este procedimento, que está inteiramente inscrito na esfera das meditações filosóficas do valor, contrasta com o que seja Filosofia na sua face acadêmica/universitária.

Para este ensaio, a opção passa por uma indicação de contexto teórico alargado do tema, entre Pierre Hadot e Agostinho da Silva, para, na segunda parte, indicar que a falta de uma

erudição e diálogo alargado aprisiona estes adeptos no paradoxo de sentir que as coisas não vão bem, mas não se consegue sair deste terreno pantanoso. Já na terceira parte, levanta-se o problema da ausência de um trato profissional do tema da educação maçônica por parte dela mesma. Finalizando, de modo discreto, indicando os passos necessários, ainda que quase a modo de horizontes de possibilidades.

1. Todo texto refere-se a um contexto

Apreciamos quando encontro nas obras de Pierre Hadot (1922 – 2010), um destacado pesquisador francês da filosofia helenística, da filologia e platonismo, a indicação de que não só Platão, mas vários outros como Marius Victorinus, não estavam preocupados em produzir livros ou “*papers*”. No caso de Platão, que opta pelo diálogo enquanto forma de expor suas ideias, o foco era o viver, sendo o diálogo quase um tipo de apresentação do pensamento na forma de peças teatrais, e nesta chave, mais próximo deste desafio do pensar e viver. Não é um detalhe corriqueiro quando o renomado Hadot nos diz que os Clássicos compunham mau e que o foco deles era o vivenciar as ideias. Tenho pensando que esta chave conceitual de abordar a filosofia enquanto filosofia de vida, pode ser posta em comparação com a Maçonaria, vista como filosofia de vida.

Sem dúvidas esta definição de filosofia pode aturdir a nós (a todos nós que tivemos contato com a filosofia nos cursos universitários) oriundos duma formação de base mais escolástica, na qual a filosofia ganhou uma percepção geral de atividade sistemática e expressa em forma de longos textos (sumas) a tratar exaustivamente sobre um tema. Até parece que não existiria filósofo ou filosofia noutros modos. Porém, podemos encontrar exemplos deste modelo de filosofia concebida como um esforço de aproximar pensar-filosofar.

Um luso-brasileiro nos serve de exemplo. Agostinho da Silva (1906 – 1994), expoente de duas Escolas Filosóficas - Escola do Porto e a Escola de São Paulo – pode ser estudado como exemplo acadêmico desta forma de fazer filosofia. Com formação em filologia clássica lá nos anos 20 do século passado, (Faculdade de Letras da Universidade do Porto), tem na ideia “fazer-se poema” esta chave de pensamento filosófico como filosofia de vida. Afinal, não se trata de pensar algo ou alguns temas, mas ter uma vida que caminha noutra direção. Fazer-se poema é aproximar o pensar com o ser. Poesia no sentido grego de Aristóteles, em que a capacidade humana de criar certos engenhos exclusivos do sentido humano seria parte de uma arte poética.

Os autores Hadot e Agostinho da Silva não se dedicaram a fundar Escolas no sentido da Academia de Platão. Hadot foi um *scholar*, seja na *École Pratique des Hautes Études* e posteriormente no *Collège de France*. Ademais, ainda que trabalhos como *Marc Aurèle*, *Plotin* ou *la simplicité du regard* ou artigos/comunicação como *Physique et Poésie dans le Timée de Platon*, forneçam um rico repertório para se pensar o que seja esta filosofia de vida a ser vivida, sua própria trajetória ainda é ligada as Instituições de educação formal de nosso tempo. Agostinho da Silva não será muito diferente. Sua atuação aqui no Brasil estará muito ligada a Universidade. Esteve de modos variados ligado aos momentos de fundação de Universidades no Brasil (UNB, UFSC, CEAO/UFBA, UFPB, UFRJ, etc).

A diferença de Hadot é que Agostinho da Silva procurou fazer uma escrita mais próxima deste viver-pensar. A técnica da escrita na forma de diálogo, ao estilo do que podemos encontrar nos rituais maçônicos, pode ser considerada uma “dramática ou um drama-em-gente”. Este estilo, como nos diz Amom Pinho, é uma tentativa de Agostinho da Silva em imitar Platão, que com seus diálogos procurava justamente esta proximidade do viver e do pensar

Outros aspectos em Agostinho da Silva do viver segundo uma filosofia podem ainda ser encontrado na sua biografia. Ele foi adotando um estilo de vida modesto como princípio filosófico. Para alguns interpretes era um estilo de pobreza inspirado numa ideia geral da “espiritualidade” franciscana da pobreza. Em termos filosóficos alguns dirão que é uma postura estoica diante da vida. E parece que as duas coisas se compõe nesta postura prática do pensamento de Agostinho da Silva. Um exemplo desta postura pode ser notada quando atuou como professor na recém fundada UNB. Atuando como professor do Departamento de Cultura e Língua Portuguesa, optou por morar junto dos alunos num casebre de madeira, com quem partilhava parte significativa do seu salário para comprar alimentação dos alunos. Abriu mão do apartamento funcional destinado aos professores e percorria a pé uma boa distância deste lugar até o Campus da Universidade.

O significado dos dois autores para a reflexão sobre a formação maçônica consiste em que eles produziram conteúdos reflexivos que tratam do tema filosofia de vida. O que deles pode-se partilhar com a Maçonaria e alargar o contexto reflexivo maçônico está justamente sobre os desafios de viver e pensar segundo uma filosofia.

2. E os estudos maçônicos?

Após esta longa digressão, retomo a questão sobre a iniciação aos Estudos Maçônicos. E aqui não estamos falando de uma técnica performática (ritual de iniciação) que marca a

introdução de um novato como adepto da maçonaria. O problema é um pouco mais amplo. Tem sido corrente entre os grupos de estudos sobre maçonaria, que passaram ocorrer de modo virtual a partir das imposições sanitárias da pandemia de covid-19, a percepção difusa de que a formação maçônica não vai bem. Procura-se de modos variados falar do tema, indicar problemas em certas práticas de formação não desejada. E é amplo a constatação de que trabalhos escritos, com parte objetiva desta formação, estão sendo, já de modo naturalizado, copiados da internet e lido, de modo sofrido, durante o tempo das atividades maçônicas destinados aos estudos.

O problema é sentido por quase todos e a busca pela solução acaba por cair noutro problema. Recorre-se apenas à literatura feita pelos adeptos e num solipsismo o diálogo não consegue se servir doutras referências literárias. A discussão parece não sair do lugar.

A não abertura para uma erudição literária mais ampliada parece-nos ser a causa que leva a sensação de estar no mesmo lugar. Nossa hipótese é que uma interação, a exemplo das linhas que dedicamos a Hadot e Agostinho da Silva, seriam pertinentes para ampliar e fazer avançar as ideias e organização de novos jeitos de trabalhar a formação maçônica. A ideia não é deixar de lado os materiais formativos da maçonaria, mas de abordá-los em estruturas contextuais mais alargadas.

Outro tema ou tópico desta formação maçônica é a origem diversificada dos seus adeptos. Esta diversidade positiva tem por desafio enquanto formação conduzir a todos para compreender o específico da filosofia. O método maçônico precisa cuidar para que as diversas origem seja convergente para uma especificidade que é filosófica. A novidade que será agregada na vida dos adeptos tem que se esforçar por ser efetivamente a filosofia apreciada pela Maçonaria, sem deixar que toda sorte de ideias gerais se instale na vida cotidiana do ser maçom.

Este esforço formativo, em que a Maçonaria é que se imporia como o seu método, seria de muito valia para compreender o tema do segredo numa chave filosófica na Maçonaria. Este é um exemplo elucidativo para compreendermos como o pensamento filosófico deveria ser o mais vigente na cultura maçônica. Uma referência teórica para este tema pode ser encontrada em Pierre Hadot no livro “O Véu de Isis”. O tema começa com Heráclito de Éfeso, para quem “a natureza ama se esconder” (a natureza oculta-se), e chega na própria ideia de Ciência Moderna, na medida em que ela se estrutura na busca pelo desconhecido.

Na busca por ser uma sociabilidade baseada em Filosofia de Vida, outro exemplo para tema do segredo pode ser encontrado em Luiz Alfredo Garcia-Rosa (1936 – 2020) em “Palavra e Verdade na Filosofia Antiga e na Psicanálise” (1990), para quem a verdade a que os filósofos

estão interessados não se dá de modo dócil, em que o filósofo está deitado debaixo de alguma árvore frondosa e a verdade se entrega a ele na mais dócil mansidão. Não, a verdade que a filosofia busca, e as ciências modernas, será fruto do árduo trabalho do pesquisador, que irá se jogar no “lombo da realidade” para extrair desta peleja alguma verdade. Ideias que exemplificam que se pode abordar de modo filosófico e baseada numa certa erudição contextual o tema do segredo, muito comum nas exposições nos círculos maçônicos.

Sem esta erudição, este intercâmbio, a ideia de segredo na Maçonaria segue deslocado desta ideia que em muito inspirou um Desaguliers enquanto um “Newtoniano e maçom”. Considerando que junto a James Anderson empreendeu importante papel na fundação da Grande Loja Unida da Inglaterra, podemos dizer que as suas atividades eram de uma erudição ampla. No artigo: [“Os tempos e a vida de Jonh Th. Desaguliers \(1683 – 1744\) Newtoniano e Maçom” \(Steffen Ducheyne\)](#) esta ideia fica em evidência. O articulista nos mostra a intensa atividade de palestras públicas deste entusiasta das ideias de *Isaac Newton*. Em segundo plano, superado o fetiche do “proibido de dizer isto”, notaria que a ideia na Maçonaria, estampada em seus rituais, de um principio criador da realidade, o famigerado grande arquiteto do universo, tem larga reflexão na Filosofia Natural de *Newton*. Este alargamento de horizontes de interlocução não só era parte deste fundador, mas serve para compreendermos certas ideias que entram para o horizonte de sentido das práticas maçônicas.

Fechada em si deixa de compreender a relação entre “a maçonaria não impõe limites à livre investigação da Verdade e, para garantir essa liberdade, exige de todos a maior tolerância(...)” (REAA) com esta definição do que foi a Academia de Platão:

“Ao contrário das primeiras escolas filosóficas, que, embora leigas, tinham como modelo as seitas religiosas dos mistérios, a Academia foi o primeiro instituto de investigação filosófica do Ocidente. Era uma escola que pretendia, em todos os campos do saber, realizar o ideal socrático da autonomia da razão e da ação contra a heteronomia em que se comprazia o sofista. Por isso, a Academia rivalizava e combatia a Escola de Retórica, do sofista Isócrates, fundada na mesma época. O ideal da educação autônoma significa, **em primeiro lugar ensinar o livre espírito de pesquisa, o compromisso do pensamento apenas com a verdade** e, em segundo, estimular a autodeterminação ética e política. Em vez de transmitir doutrinas, a Academia ensinava a pensar ou, como lemos no Mênon, “o dever de procurar o que não sabemos”. Em vez de transmitir valores éticos e políticos, a Academia ensinava a criá-los, isto é, a propô-los a partir da reflexão e da teoria. Nela prevaleceu o espírito socrático: a discussão oral e o desenvolvimento do vigor intelectual do estudante eram mais importantes do que as exposições escritas.” (CHAUI. 2011; p. 226).

O destaque é nosso: “em primeiro lugar ensinar o livre espírito de pesquisa, o compromisso do pensamento apenas com a verdade(...)”. A autora Marilena Chaui não está a falar de Maçonaria, muito menos que Platão era maçom, a proposta é registrar como uma dada

Escola de Filosofia da Grécia Antiga tem relação com o que hoje denominamos de Universidade/Faculdade. Pelo que indagamos, de modo retórico, onde estaria a distinção entre a Maçonaria, ao menos neste material didático largamente conhecido no Brasil, e esta ideia da historiadora das ideias Marilena Chaui sobre a Academia de Platão?

Pode-se com base nestes exemplos, seja na proximidade com a Filosofia Natural, seja com a Academia de Platão, superar ideias equivocadas de uma Maçonaria apartada da realidade em que ela está inserida. Seu segredo como direito de deter uma singularidade indentitária não será perdido com um possível intercâmbio com as ciências e filosofia acadêmica de nossos dias. Até porque em todas as latitudes, sua filosofia, seus métodos, são facilmente verificáveis em outras paragens da história do conhecimento ocidental. Ademais, posto em comparação estes pontos comuns da maçonaria com outros fenômenos sociais, conseguimos fazer avançar certas dúvidas e entraves reflexivos.

3. E como seria esta iniciação?

Acima aproximamos alguns pontos do conhecimento acadêmico em geral e o que se pode encontrar no material pedagógico denominado Rito Escocês Antigo e Aceito. Material pedagógico e referência curricular da formação maçônica amplamente praticado no Brasil e que é nossa referência aqui.

Para falar de iniciação a algum campo do conhecimento, devemos trazer a ideia de um magistério na pauta. Propiciar roteiros de formação humana parece-nos estar inscrito na esfera da educação, este campo tão desvalorizado na cultura “técnico-científica” ocidental. Nesta vida social em que uma discursividade monetária-financista tende a perpassar a totalidade da vida humana, os saberes e suas especificidades são dispostos numa dada hierarquia em que as humanidades figuram no final da lista. Quando não como inoportunas, desnecessárias para a ideia de existência do Estado de Direito, que nesta lavra neocapitalista, até mesmo pugna pela diminuição radical do Estado de Direito Democrático. Este é o primeiro desafio para o método maçônico de formação, construir um lugar enquanto importância para a formação humana dos seus quadros de adeptos.

Até certo ponto a maçonaria ressoa esta hierarquia valorativa sobre o conhecimento. É sintomático que não encontramos produções ou discussões a tratar em termos educacionais e por profissionais a educação maçônica. Os motivos ainda precisam ser pesquisados, como também sobre a presença de professores e outros profissionais da educação nos quadros de adeptos maçônicos.

O mesmo não poderíamos dizer sobre a estruturação jurídica das Organizações Maçônicas (Potencias/Orientes), que conta com intrincada e profissional estruturação formal. Vejamos estes números em trabalho interno produzido pelo adepto Izautionio Machado sobre quantidade de adeptos em três grupos maçônicos no Brasil e divulgado no âmbito das atividades virtuais da Universidade da CMSB:



Fonte: Izautionio Machado. Curso para novas gestões – GLOMARON. p. 21, s/d

O número de 7.496 Lojas é bem expressivo para uma organização social espalhada pelo Brasil. Uma estrutura jurídica tem sido necessário para manter esta multiplicidade de coletivos sociais.

Posto este expressivo número de adeptos e organizações e com o tema de como se dá a formação do maçom, a pergunta seguinte é sobre qual seria o perfil sociocultural deles? Até que ponto, pelos atuais critérios de admissão do maçom, pessoas ligadas ao magistério escolar em geral tem espaço como adepto da maçonaria neste universo de 222 mil adeptos? Haveria uma diversidade de classes sociais na maçonaria? Será que “a maçonaria é acessível aos homens de todas as classes, crenças religiosas e opiniões políticas, excetuando aqueles que privem o homem da liberdade da pessoa humana, ou que exijam submissão, ou ainda, privem o homem da liberdade de manifestação do pensamento” (REAA). Apesar de ter registrado esta ideia democrática no REAA-Aprendiz Maçom não temos pesquisa específica sobre este tema.

De uma forma indireta, resta tomar um estudo sobre a posição política de uma fração de maçons. Em pesquisa interna de julho de 2021, “POLÍTICA E MAÇONARIA”, no contexto do projeto Universidade da CMSB, tem-se dados que esta diversidade não se mostra. De um universo de 2.786 entrevistados temos uma nítida tendência do espectro político dito de direita.



Fonte: ISMAIL, Kenno. Maçonaria e Política. Estudos Internos UniCMSB. 2021

Pelo que a pergunta sobre a diversidade de adeptos acaba por ficar sem uma resposta objetiva no que toca à presença de professores e docentes ligado à educação. Em termos hipotéticos e a partir da nossa experiência pessoal, é notório a ausência de professores oriundos das ciências sociais e humanas. A mesma tendência que notamos no posicionamento político parece ser possível de ser aplicada sobre a origem sociocultural do maçom. Sendo o a figura do professor escassa nas suas fileiras.

Este estado sobre a educação maçônica pode ainda ser examinado no site de uma das Organizações Maçônicas, Grande Loja do Estado de São Paulo – GLESP. Com a marca de 22.121 adeptos é a maior organização maçônica em termos quantitativos organização do Brasil. Ao procurar o que a mesma oferece no âmbito educacional, encontramos no *link* Hospitalaria uma lista de “parceria” de descontos com empresas educacionais.

Chama atenção dois pontos, o primeiro é que o tema da educação está listado na Hospitalaria, nome ou instância dedicada a assistência social dos adeptos. Não havendo mesmo um link no site institucional para quais projetos educacionais efetivo esta Organização se engaja. A segunda curiosidade é que sob a chave “Educação Profissional”, encontramos uma lista de parcerias de descontos em empresas de educação. Este mesmo procedimento não será verificado no que toca a administração patrimonial desta organização. Seja o histórico da edificação do seu prédio sede, denominado pelos adeptos como Palácio Maçônico, ou no prédio em frente a este palácio, em que conta com uma extensão desta sede. Esta mesma eficiência administrativa e empreendimento predial não se verifica em projetos educacionais.

Sem avançar na tematização desta ausência da interação com um campo profissional da educação e mesmo a atuação de profissionais neste setor, parece-nos que a iniciação maçônica continuará desprovida e será tratada de modo precário no interior da organização maçônica.

Para além da ideia de que só o adepto seria a pessoa apta a promover tal atividade, não vemos o mesmo nas dimensões prediais e jurídicas aludidas. O prédio foi assinado e submetido por algum profissional da arquitetura aos trâmites Legais da Prefeitura de São Paulo. O balanço contábil e todo o aporte de mais de 20 milhões de reais para adquirir o prédio anexo (em frente) ao Palácio Maçônico da GLESP e promover reforma e readequação dele em espaços (templos) maçônicos, não foi feito de modo amador e por amadores nas finanças e nas lides entre direito de administração de empresa. Aliás, o grau de sofisticação administrativa da maçonaria em geral e da GLESP em particular, é digno de nota, pois todos estes processos são votados e aprovados por uma assembleia representativa dos adeptos por todo o Estado de São Paulo. Este mesmo profissionalismo não se nota em matéria de educação.

A iniciação maçônica fica a cargo das Lojas, unidades locais da organização, e feito de modo simplista, consistindo em alguém mais antigo solicitar um trabalho para ser lido em reunião. O tema é retirado do ritual adotado pela loja, que é cifrado de modo simbólico, articulando ideias que fazem órbita a uma série de símbolos ligado a construção civil e alegorizados para a formação humana. Assim pedra bruta, como material amplamente utilizado na construção civil medieval na Europa, é alegorizado como a condição humana a ser transformado pelo conhecimento. Fazendo ecoar a Filosofia Iluminista do Esclarecimento.

Como não há um tratamento técnico sobre a ciência da educação, estas trocas e cultivos se dão sem uma percepção de conjunto, sem objetivos explícitos a serem verificados posteriormente. Sendo indicados de modo muito discreto e truncado em dizeres truncados no interior dos Rituais/manuais, além de serem isolados de outras literaturas, ou práticas educativas. Pelo que redundaria simplesmente na ausência de uma proposta educacional, sem aquelas preocupações curriculares muito própria de um projeto educativo. Um currículo explícito, com objetivos de aprendizado, com temas de aprendizado, com métodos de ensino, com métodos avaliativos.

A iniciação maçônica aposta na convivência fraternal. E os que deveria ser os mestres dos novatos, apostam que este irá fazer o mesmo a partir de suas capacidades pessoais. Delega-se ao próprio iniciado a sua iniciação. Numa ideia equivocada, aposta que a leitura de “instruções”, curtos textos truncados em português rebuscado e sem contexto literário, sejam capazes de fazer surgir verdadeiros iniciados em Maçonaria. Ademais, sem um plano

educacional e um referencial literário, estes símbolos (*symbalém*) são transpostos em narrativas que são verdadeiras esquizofrenias reflexivas. E neste quadro, esta narrativa parece flutuar em realidade paralela à da vida “profana” do adepto. Sendo uma queixa corriqueira dos novatos a dificuldade em relacionar os saberes maçônicos com a vida cotidiana da pessoa.

Sem um plano pedagógico da Loja, que seria estruturado a partir dos fundamentos do que seja a Maçonaria, a iniciação maçônica fica a cargo da habilidade das pessoas em outros domínios. Não há um plano próprio maçônico, mas alguém profissional liberal traz a sua noção de como fazer algo específico em maçonaria deva ser feito. Ela não mostra o seu plano, mas depende que os adeptos tragam de fora da loja tais habilidades. O problema se instala quando os tempos sociais e contextuais não fornecem às habilidades necessárias à vida da Loja.

Por fim, enquanto sociabilidade baseada em filosofia de vida, parece não fazer sentido que este diferencial não seja propagado a partir de seus métodos. Pelo que qualquer opção que remeta para fora da maçonaria a solução deste problema pedagógico não é uma solução. Será a partir de si que o método maçônico no que toca ao cultivo da filosofia de vida deverá ser articular.

4. O percurso a ser tomado

Sem uma abordagem profissional da dimensão educativa das dinâmicas formativas da maçonaria fica-se à deriva. O drama em que os adeptos tem como média de idade os 60anos, mostrando um vácuo de geração, pode estar a nos dizer que a maçonaria não seja capaz de formar seus próprios adeptos. Ela precisaria de que eles já estivessem na sociedade pré-formados. E se a cultura dominante da pós-modernidade não forma tais perfis, a maçonaria não tem um método para tal.

Sem investimento financeiro e cultural, como há na aquisição de prédios e nas viagens internacionais de maçom na função de Secretário de Relações Exteriores, a Maçonaria não será capaz de propiciar iniciação maçônica efetivamente. As contradições acima destacadas, só tendem a se multiplicarem. E a cada dia a sensação de falta de relação entre os saberes visitados semanalmente nos manuais/rituais maçônicos e a realidade social e de sentido existencial tendem a aumentarem.

Havendo disposição de capital cultural (Bourdieu) e financeiro o primeiro passo é a promoção de atividades de estudos neste sentido. Da mesma forma que há gastos para promover os encontros nacionais da CMSB, deve-se fazer soar necessário e pertinente gastos monetários com a educação maçônica. Ademais, deve-se desdobrar das chaves habituais da ritualística os

temas de educação a ser nomeado com tais termos das ciências da educação, da antropologia, da sociologia, das artes performáticas e da filosofia. Falar abertamente em projeto pedagógico, em magistério maçônico, em avaliação de aprendizado.

Sem este lugar simbólico do educacional nas instituições maçônicas, como hoje podemos constatar não haver, dificilmente esta modelagem de convivência baseada em filosofia de vida avança no tempo. Ademais, no atual quadro, ela tem se mostrado mais como uma sociabilidade baseado em “ideologia de vida”, sendo caixa de ressonância acrítica das pautas das mídias hegemônicas.

Conclusão

O exercício foi apresentar algumas ideias provisórias sobre o tema educação maçônica. Pelo que se espera críticas, compreendidas como contribuições às nossas meditações. Neste quase devaneio hipotético, parece-nos que há um desafio estrutural numa dada sociabilidade particular, a maçonaria, em tomar de modo alargado seus processos educativos. Para além da chave de rito, ritual, ritualística, faz-se necessários trazer para as práticas formativas da Maçonaria a literatura especializada em educação ou ciências da educação. Sem esta chave, sem um lugar profissional para tratar seus métodos educativos, o que se nota é que perde-se o sentido deste fazer.

As dificuldades na formação maçônica parecem decorrer ainda do lugar simbólico do tema da educação entre os adeptos. Se por um lado todos notam que a formação vai mau, raros notam que o problema está situado justamente na forma como valorizam o fator educação em geral e na Maçonaria particularmente. Em termos concretos, os saberes de advogados, administradores ou contadores são prestados a Maçonaria por pessoas profissionais. Porém, os saberes educacionais ficam a cargo de pessoas não profissionais da educação, por amadores.

A solução passa por situar o problema da educação enquanto ciência da educação feita por profissionais, a exemplo dos advogados e administradores que prestam seus serviços em outras partes desta sociabilidade. Sem um lugar profissional no trato da educação, sem a percepção do valor da educação, as práticas formativas da maçonaria tendem a se deslocarem da vida social em que o maçom está inserido. E a sensação geral de que há um descompasso do ser maçom com a vida de nossos dias só tende a aumentar.